

# Autenticidade da emancipação entre Heidegger e Rodolfo Kusch

*Authenticity of emancipation between Heidegger and Rodolfo Kusch*

Luan W. Strieder\*  
Revisão final de Julio Cabrera

recebido: janeiro/2015  
aprovado: fevereiro/2015

**Resumo:** O projeto emancipatório latino-americano é carregado de uma eticidade intrínseca. Na busca por compreender tal fenômeno, optamos pela comparação do conceito de autenticidade de Heidegger e do pensador argentino Rodolfo Kusch. Para tanto, este texto apresenta primeiramente algumas explicações sobre o sentido de autenticidade em cada um dos dois filósofos; estando evidentes suas divergências conceituais, tornamos também evidente a incompatibilidade da autenticidade heideggeriana com a emancipação latino-americana, mas também as dificuldades da autenticidade kuschiana para não cair novamente numa ontologia do ser. Por fim, apresentamos uma breve proposta de solução a tal impasse baseada na assimilação antropofágica dos pensamentos de ambos filósofos.

**Palavras-chave:** Autenticidade, Emancipação, Rodolfo Kusch, Heidegger, Ser - Estar.

**Abstract:** The Latin-American emancipatory project is characterized by an inherent ethicicity. In order to understand that phenomenon, we propose to compare the notions of 'authenticity' of Heidegger and of the Argentine thinker Rodolfo Kusch. For that, we primarily explain the sense of the authenticity for each of these two thinkers; once their conceptual differences are apparent, we also try to make clear the incompatibility between the Heideggerian notion of authenticity and the Latin-American emancipation, but also the

---

\* Luan W. Strieder. Graduado em filosofia pela Universidade de Brasília (2010-2014); foi bolsista do Programa de Iniciação Científica do CNPq na autoria dos artigos "Origens Orientais do Pensamento Grego" e "Entre Instituições e Princípios: Hannah Arendt e a Democracia"; foi fundador e participante do grupo estudantil de filosofia Gnósticos; participou de diversos eventos de filosofia e escreveu múltiplos artigos ao longo de sua graduação; interessa-se atualmente por temas de ética e política.

*difficulties of the Kuschean notion of authenticity, constantly in danger of falling again into the ontology of being. At last, we present a brief proposal of a solution to that impasse, based on the anthropophagic assimilation of both lines of thinking, Heidegger's and Kusch's.*

**Keywords:** *Authenticity, Emancipation, Rodolfo Kusch, Heidegger, Being and being*

*Tiendo a aceptar lo que me conviene y a rechazar lo que no me conviene. Miro el rojo de la flor porque esta me gusta, pero tiendo a no mirar el puro cascote oscuro que está en el camino, porque no interesa para mi vida.*

Rodolfo Kusch

### ***Postura***

Pressupomos no presente texto um leitor já suficientemente sensibilizado a respeito da nossa situação de dependência e colonização<sup>1</sup>: Europa como horizonte de esperança civilizatória estimulando a corrida desenvolvimentista; o fascínio e admiração que desperta este paradigma, com seu acoplado cada vez mais acelerado de tecnologias; as bandeiras do produtivismo e da meritocracia global, que pretensamente premia os melhores; o incompreensível desenvolvimento de uma minoria de países, todos europeus, e a pretensa incapacidade dos países do sul para atingir esses mesmos patamares; a exploração sanguinolenta e devastadora de América por parte dos invasores europeus, as populações americanas nativas abatidas às dezenas de milhões, culturas reduzidas a pó, línguas extintas, costumes desaparecidos, imposição de religiões, atribuição de “barbárie” ao colonizado, miscigenação unilateral e forçada, culturas madrastras e artificiais, e a convicção de que um pensamento latino-americano parece ter forçosamente que percorrer o caminho da emancipação para ser visualizado. Tudo isto será o pano de fundo da presente reflexão, que trata fundamentalmente sobre a autenticidade da emancipação num contexto onde é

muito difícil encontrar algo que não esteja colonizado, sendo que o que chamamos a nossa cultura é uma cópia da européia, e sendo igualmente evidente que o colonizador faz parte de nossa história, embora a nossa história não seja a dele.

A nossa questão é: como poderemos, dentro do nosso objetivo de liberação cultural, e especificamente filosófica, enfrentar o pensamento do colonizador de maneira autêntica? Uma maneira que parece interessante é o resgate da antropofagia como devoração de idéias alheias, sem o propósito de criar um mosaico de recortes, mas inserindo-as numa assimilação orgânica que se torne parte constituinte do próprio pensamento. Esta possibilidade já foi suficientemente percorrida por outros colaboradores deste volume. Neste breve texto, as idéias a serem discutidas são as do filósofo e antropólogo argentino Rodolfo Kusch (1922-1979), interlocutor e crítico de Heidegger no plano da questão ontológica e política. Em ambos pensadores, a questão da autenticidade é fundamental.

### ***Autenticidade desde Heidegger: a escolha singular***

Na introdução de *Ser e Tempo*, Heidegger discorre sobre o objetivo da obra: a questão do ser. Mas o ser não se apresenta diretamente a nós, pois tudo que podemos experimentar são apenas os entes que são. Uma vez que o ser esconde-se, é preciso descobrir as maneiras de acessá-lo. Heidegger propõe que o façamos investigando o único ente que está aberto ao ser: o Dasein ou “ser-aí”. Os seres humanos são, pelo que sabemos, os únicos a serem Dasein, os únicos entes desprovidos de um ser pré-determinado e estável. Na opção terminológica heideggeriana, não se usa a palavra “humano”, mas apenas Dasein, por ter esta palavra, precisamente, essa carga conceitual de, simplesmente, ser-aí. O Dasein, sendo ente, porém não tendo ser definido, tem constantemente de buscar e criar seu ser por meio de projetos. É pela sua existência que ele pode vir a constituir seu próprio ser. Todavia, é de sua estrutura que o Dasein não possa nunca realizar plenamente seu ser. Na realização de seus projetos, o Dasein estará simplesmente sendo, mas sem nunca ganhar um ser definitivo e estável. O Dasein é o único ente aberto ao ser justamente por não tê-lo, o que o leva a

constantemente tentar compreender o ser através de seu peculiar modo de ser.

Na perspectiva heideggeriana, as escolhas individuais têm importância fundamental; é por meio delas que se formam os projetos constituintes do ser do “ser-aí”. Dentro desse processo, surge o conceito que mais nos interessa aqui: o de “propriedade”, um conceito próximo ao de “autenticidade”. A idéia inicial de Heidegger é que o ser que o Dasein consegue cotidianamente ser, não é um ser próprio, mas um ser impróprio e impessoal. Ele escreve:

O si-mesmo do Dasein cotidiano é o impessoalmente-si-mesmo, que distinguimos do propriamente si mesmo, ou seja, do si mesmo apreendido como próprio. Enquanto impessoalmente si mesmo, cada Dasein se acha disperso no impessoal, precisando ainda encontrar a si mesmo. (Ser e Tempo, p. 186)<sup>2</sup>

Segundo Heidegger, o “Impessoal” leva o Dasein a ter seu ser disperso nesse meio anônimo, de todos e de ninguém, perdendo de vista seu próprio projeto, constituinte temporal do seu ser. Nesse sentido, seguir o impessoal leva a uma perda da propriedade sobre o próprio ser, que se afunda num meio inautêntico. É somente pela escolha individual de si mesmo, contra as pressões do meio impessoal, que o indivíduo pode ganhar a propriedade de seu projeto, e nunca de maneira definitiva (idéias que, posteriormente, serão retomadas também por Sartre, em seu livro “O Ser e o Nada”). A palavra autenticidade é mais conhecida e tem seu significado mais marcado filosoficamente; falaremos daqui em diante de autenticidade ou de propriedade indistintamente, ignorando suas diferenças.

A autenticidade ou propriedade é uma categoria que aparece na filosofia européia da existência, tanto num âmbito ontológico quanto antropológico e tem um peso ético peculiar. Pois há a idéia, mais sub-reptícia em Heidegger que em Sartre, de que ser propriamente é mais desejável do que ser impessoalmente. A propriedade da escolha torna o indivíduo mais pleno de si mesmo, transfere a escolha da esfera do massivamente aceito para a do individualmente preferido. Contudo, é fácil perceber como o impessoal é a característica predominante do modo de vida das massas populares. Somente

o indivíduo, assumindo a indefinição de seu ser, poderia então projetá-lo para além da indefinição das escolhas comuns e banais. Tal escape à vida cotidiana distinguiria o individual do padrão social irrefletido, destacando-o da massa e dando-lhe autonomia. Voltaremos a isso em breve.

### ***Autenticidade desde Kusch: o mero estar, diálogo com Heidegger***

Em vários de seus livros (“América profunda”, “Esboço de uma antropologia americana”, “Geocultura do homem americano”), Rodolfo Kusch entabula um diálogo crítico com Heidegger em torno da questão do ser e da existência. A diferença entre “ser” e “estar” - inexistente na língua alemã - é um dos centros primordiais do pensamento do filósofo argentino. Ele utiliza a noção de “fagocitar”, e considera que todas as filosofias do ser serão, em última instância, fagocitadas pelas vicissitudes, mais vitais e poderosas, do mero estar. De acordo com Kusch, Heidegger (seguindo nisto a todos os ontólogos europeus) não faz mais do que uma pequena história, a história do ser, que é apenas parte da grande história, a história do estar, muito mais abrangente e originária. Mesmo fenomenologicamente, o estar é o que resta a cada ente, e é o que subsiste antes e depois de conferido o ser. Para se chegar ao ser, é preciso fazer grande abstração de todos os elementos dos entes. Somente depois disso é que se poderá aceder ao ser, que é o que faz a cada ente ser um ente.

Kusch afirma que tal abstração é uma característica típica da filosofia européia, e que os indígenas americanos não dispunham de tal habilidade, ou mesmo de tal interesse. Sua vida e sua cultura eram organizadas de forma mais concreta, e a base subsistente em cada descrição e atribuição seria o mero “estar”. Enquanto o ser define, o estar apenas assinala:

‘Ser’ hace referencia a esencia, o sea, a lo lleno del ente, y ‘estar’, a la ubicación de un ente. Lo que ‘está’ no dice nada de su interioridad, sino sólo de su condición, la de señalar un modo exterior de darse, y de una referencia general a un apoyo. (Kusch, *Geocultura del Hombre Americano*, p. 153)

Deste modo, as culturas indígenas da América seriam definidas pelo “estar” e não pelo “ser”, que nem sequer lhes faria sentido. O ser pode ter sido imposto aos povos nativos pela conquista – numa espécie de colonização ontológica -, mas não seria parte originária de suas culturas.

Assim como os indígenas, também as massas populares atuais não seriam bem descritas pelo ser; não só nos povos americanos, mas também as próprias massas periféricas européias. Não tendo interesse em constituir-se a si mesmas na busca constante de um “ser”, as massas querem somente desfrutar de suas vidas, estar no mundo sem ambições de autenticidade. Para o europeu, isto se faz necessário pela própria definição da propriedade da escolha, que demanda fugir do impessoal da massa que dissolve o ser próprio do indivíduo. Enquanto o pensamento político quer transformar o povo em algo ou em alguém, ativo e bem definido, o povo mesmo deseja somente estar, não se interessa por atingir nenhum “ser autêntico”, pois ser é ser algo, possuir projetos de auto-constituição, enquanto o “estar” limita-se a habitar o mundo, a ser-ai sem qualquer procura de um ser especial.

Trata-se do ser-alguém frente ao mero estar ou estar sendo. O ser alguém é o objetivo que a cultura européia ambiciona. É no objetivo de ser alguém que se constituem as escolhas e projetos de vida dos que fala o existencialismo heideggeriano. Heidegger assume que é somente por meio de tais projetos que se pode dizer que um Dasein atinge um ser. Mas na ausência desse tipo de projeto existencial, surgiria outra categoria, muito mais presente e definidora da vida americana. Escreve Kusch. “*Es que nuestro modo de vivir se concreta en un ‘estar siendo’ mucho antes que en un ‘ahí’ referido al ser*” (ib.: 156). O “estar” é o modo de vida concreta, um “não mais que viver”. O povo americano tenderia, em geral, a este modo de vida.

Há relações óbvias entre o mero estar kuschiano e o impessoal de Heidegger. Segundo o pensador alemão, este modo de vida seria definidor da impropriedade, da não-caracterização própria da vida, da ausência de escolha autônoma, e, assim, da inautenticidade. Kusch não deixa de lado a questão da autenticidade, mas a concebe de outra maneira; nas últimas palavras da *Geocultura*, afirma:

Nuestra autenticidad no radica en lo que Occidente considera auténtico, sino en desenvolver la estructura inversa a dicha autenticidad, en la forma del ‘estar-siendo’ como única posibilidad. [...] Sólo el reconocimiento de este último dará nuestra autenticidad. (p. 158)

De acordo com Kusch, a autenticidade americana reside no estar, e não no ser alguém, do qual a busca heideggeriana da propriedade seria uma modalidade. Buscar nossa autenticidade americana no ser, típico das ontologias européias, não cabe, e até poderia parecer absurdo no contexto americano. O que Kusch faz é deslocar na direção oposta a carga ética da autenticidade americana, que não busca propriamente ser, mas o mero estar despidoradamente no impessoal.

### ***Autenticidade e emancipação***

Há aqui, pois, um claro impasse entre a categoria de autenticidade de Heidegger e a compreensão da autenticidade no estar americano identificado por Kusch. Todavia, nosso interesse reside justamente em entender tal impasse na direção de um pensamento emancipador. Inicialmente, pareceria haver uma conexão intuitiva entre autenticidade e emancipação; é difícil imaginar uma emancipação inautêntica. Em sua compreensão comum, a emancipação inclui o que entendemos por autenticidade. Um pensamento inautêntico não poderia ser um pensamento emancipado, e tais conceitos se entrecruzam em suas caracterizações. Devemos compreender como se dá tal conexão.

Naturalmente, interessa aqui fazer um deslocamento de todos estes conceitos do plano da mera vida humana também para o plano cultural, e mais especificamente, filosófico e político. Esta realocação não parece tão dramática ou problemática. Todavia, ser autônomo, ser emancipado, ser autêntico, em nossos estudos filosóficos euro-centrados, conectam-se todos às ontologias do ser, ligam-se com o “ser alguém” que Kusch associa com o pensamento europeu ocidental. Como resolver tal dilema? Como liberar a noção de autenticidade das ontologias do ser e dar-lhe um sentido emancipador? O problema consiste em que a emancipação

parece tipicamente um projeto de “ser alguém”, o projeto, precisamente, de emancipar-se e de viver emancipado. Seguindo Kusch, como conciliar o modo de vida que nos é mais típico - o do mero estar - com o objetivo emancipador, caracterizado pela busca de um ser algo?

Inicialmente, haveria duas alternativas evidentes: abandonar a tentativa de emancipação e simplesmente “deixar-se estar”, sendo autênticos no sentido do estar (o que parece estar de acordo com a concepção kuschiana de autenticidade); a outra alternativa seria abraçar o projeto de “ser emancipado” (como um objetivo de “ser-alguém”) dentro de uma autenticidade heideggeriana, tornando-nos assim inautênticos no sentido do “estar”, fora de uma autenticidade americana, segundo a qual qualquer projeto de “ser alguém” (mesmo de ser alguém emancipado) seria inautêntico. Isto é realmente um problema a resolver.

Uma maneira de compreendermos melhor a situação para tentar resolvê-la é perceber claramente a inversão que Kusch propõe dos valores envolvidos na questão. Antes notamos, seguindo o pensamento dicotômico do filósofo argentino, que nós, americanos, somos um povo ontologicamente distinto dos povos europeus, que nossos valores não são os deles. Para nós, seguir os valores e modos de vida europeus seria inautêntico, enquanto que nossa autenticidade reside mesmo no estar. A inautenticidade restará justamente em querer ser alguém, pois este é o meio impessoal que nos foi imposto. O impessoal americano não é, pois, o impessoal de Heidegger. O estar americano não é perfeitamente individual ou singular, como o ser existencialista europeu. A autenticidade do estar não reside na escolha singular, mas numa inserção peculiar em uma característica popular, no estar mesmo do povo.

Frente a essa aparente incompatibilidade entre diferentes tipos de autenticidades e possíveis projetos de ser, fica complicado formular claramente a postura emancipatória que aqui nos interessa. Se considerarmos, numa fenomenologia, os modos de vida cotidianos dos povos latino-americanos - de acordo com o pensamento kuschiano - verificaríamos opções que seguem os padrões e valores europeus: inicia-se pelo trabalho, passa-se pela moralidade, chega-se às organizações políticas dos Estados, etc. Este seguir os valores impostos historicamente pelo conquistador não parece ser autêntico na



perspectiva mais abrangente do estar, inclusive porque o mero estar tem significado diferente hoje do que tinha para os indígenas americanos. Para eles o estar poderia, de fato, indicar algo de plenamente autêntico. Por isso é difícil concordar com Kusch e com as possibilidades de aplicação atual de seu pensamento: nossa autenticidade hoje, passados tantos séculos, está sempre no risco de ser, como máximo, autêntica no sentido europeu (heideggeriano, sartreano, etc).

Com efeito, o projeto emancipatório (já a partir da assimilação do marxismo) objetiva um “ser alguém” para o pensamento e a cultura latino-americana, um ser autônomo e liberado, capaz de dar-se a si mesmo a forma de vida que desejar. Isto parece, por ser uma busca pelo próprio na escolha singular de si, genuinamente autêntico; mas recai, por outro lado, na ontologia do ser que, segundo Kusch, não nos pertence e nos atira à inautenticidade no sentido do estar. Como poderá ser autêntica a emancipação americana sem ter de assumir um projeto de autenticidade alheio?

A solução do impasse, mesmo que pareça estranho, seria acatar as duas alternativas, fazendo de cada uma delas o uso que nos pareça melhor. O primeiro passo pode ser digerir a busca pelo “ser alguém” do europeu e voltá-la em nosso favor. Nesta estratégia, porém, o “ser alguém” americano não irá mais se consumir em mesquinhas escolhas individuais, mas será posto a serviço de uma busca coletiva pela liberação. Nossa busca pelo ser alguém é a busca por sermos nós mesmos, mas no seio da comunidade. E enquanto ser autêntico opera uma ruptura com a tradição européia de pensamento e de ação, mantemos o “estar sendo” como um horizonte permanente de possibilidade de autenticidade no mero estar. O “nós mesmos” a que aspiramos é o meramente estar. Tratar-se-ia de uma espécie de “querer ser alguém” emancipador tendo como horizonte o estar.

É deste modo que podemos conciliar as duas noções de autenticidade. Não podemos ser autênticos, como queria Kusch, simplesmente “estando” na situação em que permanecemos; hoje, isso seria algo puramente passivo (não podemos mais apropriar-nos da quietude indígena). A ruptura não pode hoje em dia ser absoluta, um puro ignorar o que nos foi imposto. Precisamos, antes, voltar a nosso favor o que nos desgraça. A cultura européia do “ser alguém” é necessária para que sejamos nós mesmos, uma vez que o estar autêntico necessita, primeiro,

que sejamos capazes de agir segundo um projeto emancipador, para, através dele, sermos nós mesmos e podermos estar. A emancipação é um projeto de “ser alguém” que pode ser autêntico justamente por ser condição de um mero estar próprio, este sim autônomo, ainda que, em seus inícios, pareça seguir a forma dos conhecidos projetos existenciais de tipo heideggeriano.

Talvez a ruptura (por exemplo, os levantes indígenas) não seja feita na procura última de um “ser alguém”, ou pela mera concretização de um projeto, mas, como é concebível, *somente como uma luta pelo direito de estar*, pela condição de estar, sem mais. E, como posição política mais genuína, a quase impossibilidade da vitória não é motivo suficiente para deixar de lutar, mesmo que se arrisque a vida na luta. Pois se lutar significa perder a vida, evitar a luta é não significar a vida. Uma morte significada, tida com um objetivo, seria, tanto para os indígenas quanto para nós hoje, mais autêntica do que a fuga da luta. O estar descarregado de meros projetos de ser simplesmente por sê-los é o que a busca pela emancipação deve ter em mente. Porém, trata-se da luta pelo direito de estar, e também de uma reconquista de nós mesmos.

Juntando um filósofo latino-americano que estudou a emancipação e os valores indígenas, com um pensador europeu que pensou a existência, fizemos uma espécie de antropofagia, tentando, apesar de suas aparentes incompatibilidades, fortalecer-nos com os elementos favoráveis de ambos, num sentido benéfico para pensar uma ontologia da emancipação, na qual o “ser-alguém” europeu possa ser utilizado como um mero caminho no objetivo final de poder autenticamente estar, agora em nossos próprios termos.

### ***Bibliografia***

- HEIDEGGER Martin. *Ser e Tempo*. Editora Vozes, Petrópolis, 2009.  
KUSCH Rodolfo. *América profunda*. Editorial Bonum, Buenos Aires, 1986.  
\_\_\_\_\_. *Geocultura del hombre americano*. Fernando García Cambeiro, Buenos Aires, 1976.

---

**Notas**

<sup>1</sup> *Acreditamos que outros artigos desta coletânea (de autoria de Éder Wen, Pedro Argolo e outros colegas) já tenham descrito a situação de maneira adequada, assim como exposto algumas formas de resistência (com o acento posto na antropofagia, apresentada como a mais expressiva proposta brasileira no contexto da dependência).*

<sup>2</sup> *Neste texto e nos seguintes, o termo “presença”, original da tradutora brasileira, foi trocado por Dasein.*